

CAÇADORES DE NAZISTAS



ANDREW NAGORSKI

# Caçadores de nazistas

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS



Copyright © 2016 by Andrew Nagorski

TÍTULO ORIGINAL  
The Nazi Hunters

PREPARAÇÃO  
Sheila Til  
Tamara Sender

REVISÃO  
Rayana Faria  
Raíssa Galvão  
Carolina Rodrigues

REVISÃO TÉCNICA  
Joubert Brizida

DIAGRAMAÇÃO  
Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA  
Angelo Bottino

IMAGENS DE CAPA  
Frente: Klaus Barbie  
Quarta capa: Martin Bormann

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N143c

Nagorski, Andrew, 1947-

Caçadores de nazistas / Andrew Nagorski ; tradução de Berilo Vargas. - 1. ed.  
-Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.  
432 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The nazi hunters  
Apêndice  
Inclui índice  
ISBN 978-85-510-0329-9

1. Caçadores de nazistas - História. 2. Fugitivos da justiça - Alemanha. 3. Criminosos de guerra - Alemanha - História. 4. Holocausto judeu (1939-1945). 5. Guerra Mundial, 1939-1945 - Atrocidades. I. Vargas, Berilo. II. Título.

19-57459

CDD: 940.5318

CDU: 94(100)''1939/1945''

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

[2019]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Alex, Adam,  
Sonia e Eva.  
E, como sempre, para Krysia*



# SUMÁRIO

---

Lista de personagens	9
Introdução	19
1. O trabalho braçal do carrasco	27
2. “Olho por olho”	37
3. Desígnio comum	55
4. A Regra do Pinguim	67
5. O responsável por meu irmão	83
6. Fazendo vista grossa	110
7. “Idiotas como eu”	131
8. “ <i>Un momentito, señor</i> ”	158
9. “A sangue-frio”	185
10. “Gente comum”	212
11. Um tapa a ser lembrado	233
12. “Cidadãos modelos”	257
13. Indo e voltando de La Paz	284
14. Mentiras do tempo da guerra	296
15. Perseguindo fantasmas	321
16. Círculo completo	337
Agradecimentos	363
Notas	367
Bibliografia	401
Entrevistas	409
Seleção de entrevistas anteriores	410
Créditos das imagens	411
Índice	413





# LISTA DE PERSONAGENS

---

## OS CAÇADORES

**FRITZ BAUER** (1903-1968): Juiz alemão e procurador-geral, Bauer veio de uma família judia secular e passou a maior parte do período nazista exilado na Dinamarca e na Suécia. De volta à Alemanha, forneceu aos israelenses a pista essencial que conduziu à captura de Adolf Eichmann. Nos anos 1960, orquestrou em Frankfurt o Segundo Julgamento de Auschwitz.

**WILLIAM DENSON** (1913-1998): Promotor-chefe de Justiça do Exército dos Estados Unidos no Tribunal Militar de Dachau, julgamento cujo enfoque foi os funcionários que atuavam na aparelhagem da morte em Dachau, Mauthausen, Buchenwald e Flossenbürg. Processou 177 pessoas, conseguindo a condenação de todas. Noventa e nove foram enforcadas. Contudo, o modo como conduziu alguns desses casos gerou controvérsias.

**RAFI EITAN** (1926-): Agente do Mossad, comandou o destacamento de Operações Especiais que sequestrou Adolf Eichmann perto de casa em Buenos Aires em 11 de maio de 1960.

**BENJAMIN FERENCZ** (1920-): Com 27 anos, Ferencz foi Promotor-chefe militar no que a Associated Press chamou de “o maior julgamento por assassinato da história”: o Julgamento de Nuremberg dos comandantes dos

*Einsatzgruppen*, os pelotões especiais que cometeram assassinatos em massa de judeus, ciganos e outros “inimigos” civis na frente oriental, antes que a matança fosse transferida para as câmaras de gás nos campos de concentração. Todos os 22 réus foram condenados, treze deles à morte. Várias sentenças foram posteriormente atenuadas, e apenas quatro dos réus morreram na forca.

**TUVIA FRIEDMAN** (1922-2011): Judeu polonês que sobreviveu ao Holocausto, Friedman primeiro serviu nas forças de segurança do regime comunista polonês no pós-guerra, buscando vingança contra alemães capturados e qualquer pessoa acusada de colaborar com os antigos invasores. Organizou o Centro de Documentação de Crimes Nazistas em Viena, reunindo provas para ajudar na condenação de oficiais da SS e outros culpados de crimes de guerra. Em 1952, fechou o centro e se mudou para Israel, onde seguiu afirmando que estava no encalço de Eichmann e de outros criminosos de guerra.

**ISSER HAREL** (1912-2013): Chefe do Mossad que conseguiu organizar a captura de Eichmann em Buenos Aires em 1960 e sua transferência para Israel num voo especial da El Al, o que resultou no julgamento e na execução de Eichmann em Jerusalém.

**ELIZABETH HOLTZMAN** (1941-): Quando foi eleita para o Congresso em 1973, a democrata do Brooklyn começou a investigar acusações de que muitos criminosos de guerra estariam vivendo tranquilamente nos Estados Unidos. Como membro e, mais tarde, *chairwoman* do subcomitê de imigração da Câmara, ela se esforçou para a criação da Diretoria de Investigações Especiais (Office of Special Investigations, ou OSI, na sigla em inglês) do Departamento de Justiça, em 1979. A OSI encabeçou a empreitada de encontrar criminosos de guerra nazistas, revogar sua cidadania americana e deportá-los.

**BEATE KLARSFELD** (1939-): Audaciosa acima de tudo, Beate era a metade mais exuberante do casal franco-alemão de caçadores de nazistas. O pai serviu

na *Wehrmacht*, e ela não sabia praticamente nada sobre o legado do Terceiro Reich antes de ir morar em Paris para trabalhar como *au pair*, época em que conheceu o futuro marido, Serge Klarsfeld. Em 1968, em um acontecimento que ganhou fama, ela esbofeteou Kurt Georg Kiesinger, chanceler da Alemanha Ocidental e antigo membro do Partido Nazista. Ao lado de Serge, localizou e confrontou homens da SS culpados pela deportação de judeus e outros crimes na França ocupada.

**SERGE KLARSFELD** (1935-): Nascido no seio de uma família judaica romena que se mudou para a França. Seu pai morreu em Auschwitz, o que lhe deu fortes motivos pessoais para documentar, evidenciar e perseguir chefes nazistas responsáveis pela deportação e pela morte de judeus na França. Ele reuniu meticulosamente provas incriminadoras e divulgou os registros nazistas. Assim como a esposa, Beate, Serge não tinha medo de confrontar os nazistas da época da guerra.

**ELI ROSENBAUM** (1955-): Ingressou na Diretoria de Investigações Especiais do Departamento de Justiça norte-americano como estagiário. De 1995 a 2010, exerceu o cargo de diretor da instituição, tempo maior do que o de qualquer outro no mesmo posto. Como chefe da consultoria jurídica do Congresso Judaico Mundial (World Jewish Congress, ou WJC, na sigla em inglês) em 1986, liderou os esforços contra a eleição do ex-secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, durante sua campanha para a presidência da Áustria. Isso levou a um amargo confronto com o homem que fora seu ídolo: Simon Wiesenthal.

**ALLAN RYAN** (1945-): Foi diretor da Diretoria de Investigações Especiais do Departamento de Justiça norte-americano de 1980 a 1983, chefiando a nova unidade em suas primeiras batalhas para identificar criminosos de guerra nazistas e revogar sua cidadania americana.

**JAN SEHN** (1909-1965): Juiz de instrução polonês criado em uma família de ascendência alemã, produziu o primeiro relato minucioso da história e da

operação de Auschwitz. Cuidou do interrogatório de Rudolf Höss, o oficial que ocupou o posto de comandante do campo por mais tempo e o convenceu a escrever suas memórias antes que fosse enforcado, em 1947. Também ajudou seu correspondente juiz alemão Fritz Bauer, fornecendo depoimentos para o Segundo Julgamento de Auschwitz, em Frankfurt.

**SIMON WIESENTHAL** (1908–2005): Nascido numa pequena cidade da Galícia, região histórica situada a oeste da atual Ucrânia, Simon sobreviveu a Mauthausen e outras provações e se tornou o mais famoso dos caçadores de nazistas, trabalhando em seu Centro de Documentação, em Viena. Apesar de ter recebido amplo crédito por localizar vários criminosos nazistas importantes, Wiesenthal foi alvo de críticas por valorizar demais o próprio papel nas prisões, particularmente na caçada a Eichmann. Também entrou em divergência com o Congresso Judaico Mundial durante a controvérsia sobre Kurt Waldheim.

**EFRAIM ZUROFF** (1948–): Fundador e diretor da filial do Centro Simon Wiesenthal, em Jerusalém, Zuroff nasceu no Brooklyn e se estabeleceu em Israel em 1970. Chamado com frequência de “o último caçador de nazistas”, preparou campanhas de grande divulgação e muito controversas para localizar e processar guardas ainda vivos de campos de concentração.

## OS CAÇADOS

**KLAUS BARBIE** (1913–1991): Conhecido como “Açougueiro de Lyon”, o ex-chefe da Gestapo daquela cidade francesa foi responsável por milhares de mortes, tendo torturado pessoalmente inúmeras pessoas. Suas vítimas mais notórias: Jean Moulin, herói da Resistência Francesa, e as 44 crianças judias que receberam abrigo no minúsculo vilarejo de Izieu e morreram em Auschwitz. Os Klarsfeld o localizaram na Bolívia e travaram uma longa campanha para levá-lo a julgamento na França. Condenado à prisão perpétua em 1987, morreu quatro anos depois.

**MARTIN BORMANN** (1900–1945): Secretário particular de Hitler e chefe da Chancelaria do Partido Nazista, desapareceu do bunker de Hitler em Berlim depois que o Führer cometeu suicídio, em 30 de abril de 1945. Apesar de relatos de que fora morto ou se matara quase imediatamente depois, havia rumores persistentes de que fugira da capital alemã e até mesmo histórias de que fora visto e trocara tiros na América do Sul e na Dinamarca. Em 1972, seus supostos restos mortais foram encontrados num canteiro de obras em Berlim. Testes de DNA feitos em 1998 confirmaram sua identidade. Concluiu-se que ele morreu em 2 de maio de 1945.

**HERMINE BRAUNSTEINER** (1919–1999): Guarda nos campos de concentração de Majdanek e Ravensbrück, onde era conhecida como *Koby* — a palavra polonesa para “égua” — por causa do hábito perverso de chutar as prisioneiras. Em 1964, Simon Wiesenthal descobriu que ela se casara com um americano e passara a morar no Queens, em Nova York. Wiesenthal alertou o *New York Times*, e o jornal publicou uma reportagem que deflagrou uma longa batalha judicial para cassar a cidadania norte-americana de Braunsteiner. Enviada para a Alemanha Ocidental, Hermine foi condenada à prisão perpétua em 1981 e libertada por motivos de saúde em 1996. Morreu numa casa de repouso para idosos três anos depois.

**HERBERT CUKURS** (1900–1965): Célebre aviador letão antes da Segunda Guerra Mundial, durante a ocupação alemã ficou conhecido como o “Carrasco de Riga” e foi responsável pela morte de cerca de 30 mil judeus. Depois da guerra, estabeleceu-se em São Paulo, no Brasil, onde pilotava um avião próprio e gerenciava uma marina. Atraído para Montevidéu, Uruguai, foi morto por agentes do Mossad em 23 de fevereiro de 1965. É o único caso conhecido de assassinato de um criminoso de guerra fugitivo pelo serviço secreto de Israel.

**JOHN DEMJANUK** (1920–2012): Dos anos 1970 até a sua morte, Demjanuk foi o centro de uma das batalhas judiciais mais complexas do pós-guerra, travada

nos Estados Unidos, em Israel e na Alemanha. Aposentado da indústria automobilística em Cleveland, tinha sido guarda num campo de extermínio e inicialmente foi confundido com “Ivan, o Terrível”, guarda particularmente notório de Treblinka. Em 2011, um tribunal alemão concluiu que Demjanuk era culpado por ter sido guarda em Sobibor, e ele morreu menos de um ano depois. Seu caso estabeleceu um novo precedente para como os tribunais alemães deveriam julgar o número cada vez menor de supostos criminosos de guerra ainda vivos.

**ADOLF EICHMANN** (1906–1962): Um dos principais arquitetos do Holocausto, organizou a deportação em massa de judeus para Auschwitz e outros campos de concentração. Foi sequestrado por agentes do Mossad em Buenos Aires, em 11 de maio de 1960. Julgado e condenado à morte em Jerusalém, foi enforcado em 31 de maio de 1962. Tudo o que dizia respeito ao seu caso provocava manchete e controvérsia, inclusive apaixonado debate sobre “a banalidade do mal”.

**ARIBERT HEIM** (1914–1992): Apelidado de “Doutor Morte” devido ao seu espantoso e sanguinário histórico quando foi médico em Mauthausen, Heim desapareceu depois da guerra, deflagrando buscas que até pouco tempo ainda eram cercadas de muita publicidade e histórias fantásticas de que fora visto na América Latina ou assassinado na Califórnia. Na realidade, como informaram o *New York Times* e a emissora de TV alemã ZDF, em 2009, ele se refugiara no Cairo, Egito, convertendo-se ao islamismo e adotando o nome de Tarek Hussein Farid. Ali faleceu em 1992.

**RUDOLF HÖSS** (1900–1947): O comandante que serviu mais tempo em Auschwitz. Capturado pelos britânicos em 1946, depôs como testemunha em Nuremberg e foi mandado à Polônia para ser julgado. Jan Sehn, o juiz de instrução, convenceu-o a escrever sua autobiografia antes do enforcamento. As descrições sobre seus esforços para “aperfeiçoar” a aparelhagem da morte constituem alguns dos depoimentos mais arrepiantes da vasta literatura do Holocausto.

**ILSE KOCH** (1906-1967): Viúva do primeiro comandante de Buchenwald, foi apelidada de “Cadela de Buchenwald” durante seu julgamento pelo Exército dos Estados Unidos em Dachau, caracterizado por depoimentos aterradoros sobre suas provocações sexuais aos prisioneiros antes de espancá-los e matá-los. Somando-se isso às histórias de fazer abajures com a pele desses prisioneiros, seu julgamento foi provavelmente o que mais atraiu atenção no pós-guerra. Foi condenada a passar o resto da vida na cadeia, mas o general Lucius D. Clay reduziu a pena para quatro anos. Um tribunal alemão aplicou-lhe outra pena de prisão perpétua em 1951, e ela cometeu suicídio na cadeia em 1967.

**KURT LISCHKA** (1909-1989), **HERBERT HAGEN** (1913-1999) E **ERNST HEINRICH SOHN** (1920-1994): Serge e Beate Klarsfeld selecionaram esses três antigos oficiais da SS pelo papel que desempenharam na deportação de judeus da França durante a guerra. Os três viviam tranquilamente na Alemanha Ocidental até que, na década de 1970, os caçadores de nazistas montaram uma campanha para confrontá-los — chegando mesmo, no caso de Lischka, a tentar sequestrá-lo. Em 11 de fevereiro de 1980, um tribunal de Colônia os considerou cúmplices na deportação de 50 mil judeus da França direto para a morte, e os três receberam penas de seis a doze anos de prisão.

**JOSEF MENGELE** (1911-1979): O médico da SS em Auschwitz conhecido como “Anjo da Morte” tornou-se infame devido aos experimentos realizados com gêmeos e outros prisioneiros do campo, somados à atividade de seleção de recém-chegados para as câmaras de gás. A caçada a Mengele, que fugira para a América do Sul, perdurou por muito tempo depois de sua morte. Ele morreu afogado em uma praia brasileira em 1979, mas seus parentes guardaram segredo sobre o fato até a descoberta de seus restos mortais em 1985.

**ERICH PRIEBKE** (1913-2013): Ex-capitão da SS, em 24 de março de 1944 organizou a execução de 335 homens e meninos, inclusive 75 judeus, nas Fossas

Ardeatinas, perto de Roma, em retaliação à morte de 33 soldados alemães. Até 1994, desfrutou uma vida confortável em Bariloche, cidade turística na Argentina, porém uma equipe da ABC News o encontrou, e o correspondente Sam Donaldson o submeteu a uma bateria de perguntas. Resultado: a Argentina o extraditou para a Itália em 1995, e ele foi condenado à prisão perpétua em 1998. Por causa da idade, foi mantido em prisão domiciliar até morrer, em 2013.

**OTTO REMER (1912-1997):** Peça-chave nas ações que se seguiram à tentativa frustrada de assassinato de Hitler de 20 de julho de 1944, o major Remer era o comandante do Batalhão de Guardas da *Grossdeutschland* de Berlim. Preparado para executar as ordens dos conspiradores, ele mudou de ideia ao saber que Hitler tinha sobrevivido e começou a prender os conspiradores. Em 1951, era líder de um partido de extrema-direita da Alemanha Ocidental quando chamou os envolvidos no atentado de traidores. Em 1952, Fritz Bauer moveu uma bem-sucedida ação contra ele por difamação, com o objetivo de provar que os conspiradores eram os verdadeiros patriotas. Ele foi condenado a três meses de prisão e seu partido foi extinto, o que o levou a fugir para o Egito. Retornou à Alemanha Ocidental na década de 1980, aproveitando-se de uma anistia, e retomou suas atividades como fomentador da direita. Em 1994, devido a novas acusações de incitar o ódio e o racismo, mudou-se para a Espanha, onde faleceu três anos depois.

**ARTHUR RUDOLPH (1906-1996):** Parte da equipe de cientistas alemães especializados em foguetes que foi levada para os Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial, ele desenvolveu o Saturno V, que conduziu os primeiros astronautas à Lua. Contudo, com base em provas de que Rudolph provocara a morte de milhares de prisioneiros submetidos a trabalhos forçados enquanto ele produzia foguetes V2 durante a guerra, Eli Rosenbaum, da OSI, fez pressão para que o cientista desistisse da cidadania americana e deixasse o país em 1984. Morreu em Hamburgo.



**KURT WALDHEIM** (1918-2007): Quando o antigo secretário-geral das Nações Unidas apareceu como candidato favorito nas eleições presidenciais austríacas de 1986, novas provas indicaram que ele tinha ocultado um capítulo significativo de suas ações durante a guerra: o serviço nos Bálcãs como oficial do estado-maior do general Alexander Löhr, posteriormente julgado e enforcado na Iugoslávia como criminoso de guerra. O Congresso Judaico Mundial montou uma intensa campanha contra Waldheim. Apesar disso, ele ganhou a eleição. Simon Wiesenthal culpou o WJC pela forte onda antissemita que se seguiu, expondo claramente as divergências existentes entre os caçadores de nazistas.



# INTRODUÇÃO

---

Um dos filmes alemães mais famosos logo após o fim da Segunda Guerra Mundial foi *Os assassinos estão entre nós* (*Die Mörder sind unter uns*, no original). Susanne Wallner, personagem sobrevivente de um campo de concentração representada por Hildegard Knef, volta para seu apartamento arrasado em meio às ruínas de Berlim. Encontra Hans Mertens, antigo cirurgião do exército alemão, residindo lá, entregue ao alcoolismo e ao desespero. O médico se depara por acaso com seu antigo capitão, que ordenara o massacre de uma centena de civis de uma aldeia polonesa na véspera do Natal de 1942, levando a vida de um próspero negociante. Perseguido por essas lembranças, Mertens decide matar o capitão na primeira véspera de Natal depois da guerra.

No último momento, Wallner o convence de que fazer justiça com as próprias mãos seria um erro. “Não podemos julgar as pessoas”, diz ela. “Você tem razão, Susanne”, responde Mertens, na cena final. “Mas devemos apresentar acusações. Exigir reparação em nome dos milhões de inocentes assassinados.”

O filme teve imenso sucesso, atraindo um público enorme. Entretanto, houve um equívoco básico em sua mensagem: coube aos Aliados, e não ao povo alemão, providenciar os primeiros julgamentos de crimes de guerra. Os vitoriosos logo abandonaram esses esforços, concentrando-se na Guerra Fria que começava, e a maioria dos alemães ansiava mais por esquecer o passado recente do que por expiação.

Entre os principais criminosos que não foram presos de imediato e entre aqueles que foram pegos sem serem reconhecidos por seus captores Aliados, com certeza não se falava em expiação. Havia apenas o impulso de fugir. No caso de Adolf Hitler e de Eva Braun, com quem o Führer acabara de se casar, o meio escolhido foi o suicídio em seu bunker. Depois de dar veneno aos seis filhos, Joseph Goebbels, ministro de propaganda nazista, e a esposa, Magda, seguiram o mesmo caminho. Em *A permuta de Valhalla*, romance best-seller lançado em 1976, o fictício Goebbels explica por que fez essa escolha: “Não tenho a menor intenção de passar o resto da vida correndo de um lugar para outro como um eterno refugiado.”<sup>1</sup>

Porém a maioria de seus colegas, bem como outros nazistas culpados de crimes de guerra, não tinha intenção de seguir o exemplo de Hitler. Muitos criminosos de patentes mais baixas não sentiam sequer a necessidade de se esconder: logo se misturaram aos milhões que tentavam reconstruir a vida em uma nova Europa. Outros, que se julgavam em maior perigo, encontraram maneiras de deixar o continente. Por muito tempo, prevaleceu a impressão de que muita gente tinha conseguido escapar da responsabilização por seus crimes, quase sempre com o apoio de parentes leais e redes de *Kameraden* — camaradas do Partido Nazista.

Este livro se concentra em um grupo relativamente pequeno de homens e mulheres que agiu — tanto em cargos oficiais quanto de forma independente — para reverter o êxito inicial dos culpados e impedir que o mundo esquecesse seus crimes. Essas pessoas demonstraram uma determinação e uma coragem formidáveis, prosseguindo em sua luta mesmo quando os países vitoriosos e o resto do mundo se tornavam cada vez mais indiferentes ao destino dos criminosos de guerra nazistas. Em sua perseguição, exploraram também a natureza do mal e levantaram questões profundamente inquietantes sobre o comportamento humano.

Aqueles que tentaram levar os criminosos do Terceiro Reich à Justiça têm sido chamados informalmente de caçadores de nazistas, mas não são e nunca foram um grupo ligado por uma estratégia comum ou por nenhum acordo com relação às suas táticas. Com frequência estavam em desacordo

uns com os outros e, apesar de terem os mesmos objetivos gerais, eram propensos a recriminações, ciúmeiras e rivalidades declaradas. Em alguns casos, não há dúvida de que isso prejudicou a eficácia dos caçados.

Contudo, ainda que todos os envolvidos na perseguição aos nazistas tivessem posto de lado suas diferenças pessoais, os resultados não teriam sido muito diferentes. E, avaliados segundo critérios absolutos, esses resultados não justificariam a afirmação de que se fez justiça. “Qualquer pessoa que busque um equilíbrio entre os crimes que foram cometidos e a punição acabará frustrada”<sup>2</sup>, declarou David Marwell, historiador que trabalhou na Diretoria de Investigações Especiais do Departamento de Justiça norte-americano, no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, no Centro de Documentação de Berlim e foi diretor do Museu da Herança Judaica de Nova York. Quanto à solene promessa feita originariamente pelos vitoriosos de processar todos os responsáveis por crimes de guerra, ele acrescentou, sem rodeios: “Difícil demais.”

Difícil demais, é verdade, obter êxito em grande escala, mas os esforços daqueles que não desistiram de fazer pelo menos alguns criminosos de guerra nazistas prestarem contas de seus atos cresceram e se transformaram numa saga do pós-guerra diferente de qualquer outra na história da humanidade.

No fim das guerras do passado, os vencedores costumavam matar ou escravizar os vencidos, saqueando suas terras e aplicando castigos rápidos. Execuções sumárias eram a norma em vez de julgamentos ou quaisquer outros procedimentos legais destinados a examinar provas e determinar culpa ou inocência. A vingança era a motivação, pura e simples.

Muitos caçadores de nazistas também foram motivados, de início, pelo desejo de vingança, principalmente os que sobreviveram aos campos de concentração e as pessoas que ajudaram a libertá-los e viram as espantosas provas dos horrores que os nazistas em fuga tinham deixado para trás: os mortos e moribundos, os crematórios, as instalações “médicas” que serviam de câmaras de tortura. Em consequência, alguns nazistas e seus colaboradores foram alvos imediatos das punições do fim da guerra.

No entanto, dos primeiros julgamentos em Nuremberg à caçada de criminosos de guerra pela Europa, a América Latina, os Estados Unidos e o Oriente Médio que se estende esporadicamente até os dias atuais, os caçadores de nazistas concentraram seus esforços em mover ações legais contra suas presas, numa demonstração de que até mesmo o culpado mais óbvio merece ter seu dia no tribunal. Não foi por acaso que Simon Wiesenthal, o mais famoso dos caçadores de nazistas, deu ao seu livro de memórias o título *Justiça não é vingança*.

E mesmo quando a Justiça se mostrava obviamente inadequada, dando penas suaves ou, em muitos casos, não dando nenhum tipo de sanção aos culpados, outro objetivo começou a emergir: educar pelo exemplo. Por que perseguir um guarda de campo de concentração já idoso e em seus últimos dias? Por que não deixar os criminosos apenas definharem até a morte? Muitos servidores americanos se satisfariam exatamente com isso, sobretudo quando sua atenção se voltava para um novo inimigo: a União Soviética. Individualmente, porém, os caçadores de nazistas não estavam inclinados a deixar para lá e argumentavam que cada caso oferecia lições valiosas.

O objetivo das lições era demonstrar que os horrendos crimes da Segunda Guerra Mundial e o Holocausto não podem nem devem ser esquecidos e que aqueles que instigaram ou cometeram esses crimes — ou quem um dia cometer atos semelhantes — jamais escaparão da lei, pelo menos em princípio.

Eu tinha treze anos quando, em 1960, uma equipe do Mossad sequestrou Adolf Eichmann na Argentina e o levou de avião para ser julgado em Israel. Não lembro até que ponto me dei conta do que aconteceu, se de alguma forma prestei atenção no noticiário, mas algo foi claramente assimilado. Digo isso por causa de uma lembrança muito viva que tenho do verão seguinte, quando Eichmann já estava sendo julgado em Jerusalém.

Durante um passeio de família a São Francisco, eu estava sentado numa lanchonete com meu pai. A certa altura, comecei a observar com atenção um senhor sentado à outra ponta do balcão. Virei-me para meu pai, apontei

o homem e disse, num sussurro: “Acho que aquele ali talvez seja o Hitler.” Meu pai deu um sorriso e desfez gentilmente a minha fantasia. Claro, naquele momento eu não fazia a menor ideia de que, ao escrever este livro, meio século depois, eu entrevistaria Gabriel Bach, o último promotor ainda vivo que participou do julgamento de Eichmann, bem como os dois agentes do Mossad que chefiavam o grupo que o pegou.

O sequestro, o julgamento e o enforcamento de Eichmann assinalaram o começo de uma consciência maior de que muitos criminosos nazistas não tinham sido punidos e sinalizaram um renascimento gradual do interesse por seus crimes. Além disso, logo foram produzidos os muitos livros e filmes sobre caçadores de nazistas, com frequência baseados mais em mitos do que na realidade. Eu lia esses livros e assistia a esses filmes com avidez, fascinado tanto pelos personagens — os heróis e os vilões — quanto pela ação ininterrupta.

Havia bem mais do que a grande caçada que capturou a imaginação popular. Para a geração do pós-guerra, as indagações maiores sobre a natureza das pessoas que eram alvo dessa caçada — e mesmo sobre seus familiares e vizinhos — eram igualmente cativantes. Até hoje, não é fácil responder como tantos milhões de alemães e austríacos, além de colaboradores na maior parte das terras que eles conquistaram, puderam voluntariamente participar de um movimento dedicado a assassinatos em massa.

Em meus tempos de chefe da sucursal da *Newsweek* em Bonn, Berlim, Varsóvia e Moscou, nas décadas de 1980 e 1990, de vez em quando me via examinando o legado da guerra e do Holocausto. Sempre que começava a achar que não haveria mais informações diferentes, apenas variações das mesmas histórias, eu era surpreendido por alguma nova e atordoante revelação.

No fim de 1994, eu preparava meu relatório para uma reportagem de capa da *Newsweek* para comemorar o quinquagésimo aniversário da libertação de Auschwitz, programada para 27 de janeiro de 1995. Eu tinha entrevistado diversos sobreviventes de muitos países da Europa e me sentia pouco à vontade por pedir que revivessem os horrores daqueles anos. Eu lhes dizia que parassem a qualquer momento se sentissem que o processo

era doloroso demais. Em muitas situações, porém, as histórias jorravam; uma vez que começavam a falar, eles seguiam em frente, e não era mais necessário incitá-los. Por mais histórias que ouvisse, eu sempre ficava hipnotizado, às vezes até mesmo aturdido.

Depois de entrevistar um judeu holandês cuja história era particularmente tocante, logo lhe pedi desculpas por fazê-lo se lembrar de tudo com tantos detalhes. Comentei, ainda, que ele já devia ter narrado sua odisseia muitas vezes para os parentes e amigos. “Nunca contei a ninguém”, respondeu. Diante da minha expressão de descrença, acrescentou: “Ninguém jamais perguntou.” Ele tinha carregado aquele fardo sozinho por cinquenta anos.

Três anos depois, outro encontro me deu uma pista sobre aqueles que carregam um fardo de espécie bem diferente. Entrevistei Niklas Frank,<sup>3</sup> filho de Hans Frank, que foi governador-geral de Hitler na Polônia durante a ocupação, presidindo um império da morte. Jornalista e escritor que descrevia a si mesmo como um liberal europeu típico, Niklas dava grande importância aos valores democráticos. Desenvolveu especial interesse pela Polônia, particularmente durante a década de 1980, quando o sindicato Solidariedade encabeçou a luta pelos direitos humanos que acabaria derubando o regime comunista do país.

Nascido em 1939, Niklas tinha apenas sete anos quando viu o pai pela última vez, em Nuremberg, pouco antes de ele ser considerado criminoso de guerra e enforcado. Junto com a mãe, Niklas foi conduzido à prisão. O pai fingiu que não havia nada de errado. “Então, Nikki, logo nos veremos de novo no Natal”, disse. O menino foi embora “fervido de raiva”, pois sabia que o pai logo seria executado. “Meu pai mentiu para todo mundo, até para o próprio filho”, disse. Mais tarde, pensou muito sobre o que gostaria que o pai tivesse dito: “Meu querido Nikki, vou ser executado porque fiz coisas horríveis. Não leve a vida que levei.”

Depois veio outra frase da qual me lembrarei sempre. Descrevendo o pai como “um monstro”, ele declarou: “Sou contra a pena de morte, mas acho que a execução do meu pai foi perfeitamente justificável.”

Em todos os meus anos como correspondente, nunca tinha ouvido nin-



guém falar daquele jeito sobre o próprio pai. Esse sentimento levou Niklas a outra conclusão. Como Frank é um nome comum, a maioria das pessoas que encontra não sabe que ele é filho de um grande criminoso de guerra, a não ser que ele mesmo conte. Apesar disso, conhece a verdade e não consegue se livrar dela. “Não há um só dia em que eu não pense em meu pai e em tudo o que os alemães fizeram”, disse. “O mundo jamais esquecerá. Sempre que viajo para o exterior e digo que sou alemão, as pessoas pensam logo em ‘Auschwitz’. E acho que isso é absolutamente justo.”

Eu disse a Niklas que me considero um homem de sorte por não precisar viver com essa sensação de culpa herdada, uma vez que meu pai combateu do lado derrotado quando a Alemanha invadiu a Polônia, em 1939. Racionalmente, sei que a casualidade do nascimento não é razão para que ninguém se sinta moralmente superior ou inferior, e Niklas também. Mas entendi perfeitamente por que um dos seus maiores desejos na vida era ter um pai do qual não tivesse que se envergonhar.

A atitude de Niklas estava longe de ser típica dos parentes de criminosos de guerra nazistas, mas para mim essa honestidade crua e brutal exemplifica o que há de melhor nos alemães de hoje: a disposição de muitos deles de enfrentar, a cada dia, o passado de seu país. Isso, porém, levou muito tempo para acontecer, e em parte jamais teria acontecido se não fosse pelos caçadores de nazistas e suas lutas árduas, por vezes solitárias, não apenas na Alemanha e na Áustria, mas no mundo inteiro.

Essa luta agora está chegando ao fim. A maioria dos caçadores de nazistas, bem como dos caçados, não tardará a existir apenas na memória coletiva, onde mito e realidade provavelmente se tornarão ainda mais interligados do que já são. E é por isso que suas histórias podem e devem ser contadas agora.